

Sobre textos e contextos da cultura visual

**Raimundo
MARTINS**

editor convidado

Embora tenhamos consciência da base histórica e política que organiza e delimita as áreas de conhecimento e suas respectivas disciplinas, parece que não nos damos conta de que as diferenciações que fazemos entre sistemas de significação se mostram, com o passar do tempo, provisórias e passageiras. Revelamos grande interesse e até mesmo facilidade para descobrir e identificar agendas de significado estabelecidas no passado, mas, com frequência, essa lucidez se oculta quando trasladada para cenas do presente. A clarividência que inventa e esquadrinha o passado transforma-se em miopia que, intensificada, encobre implicações e cria resistências às pautas de significado do mundo atual.

Assim, o presente, ou seja, o momento contemporâneo, é sempre conflituoso, visto como muito mais conflituoso que o passado. De alguma maneira, esse conflito manifesta algo sobre nossa formação profissional, preferências ou intransigências conceituais, sobre predileções teóricas e afetivas que configuram nossas relações com o 'outro', com o 'mundo' mas, principalmente, nossa disposição e temperamento para o diálogo com idéias e práticas de qualquer tempo. Como tempo vívido, o presente é impulso de tramas, idéias, conceitos, divergências, atitudes, experiências, relações, ideologias e imagens que transbordam e nos invadem de modo quase incontrolável. É força de produção, pulsão de vida que nos intimida e assombra pelo modo como arma relações com o futuro insinuando uma certa displicência ou até mesmo algum tipo de negligência com o passado.

Mas é impossível não pensar ou dizer do passado. Não temos como eliminá-lo porque cada um de nós carrega um pouco dele e convive com modalidades e versões de passado que nos confrontam e nos afligem. Passado histórico, material, conceitual, individual, coletivo, crítico e visual são reconstruções abstratas, parcelas e fatias de tempo que em condições subjetivas e até mesmo objetivas, fazem parte de nós e, portanto, também fazem parte do presente.

Nossas preferências estéticas contemporâneas estão fundamentadas em identificações epistemológicas e políticas do passado que, por vezes, ignoramos ou nos negamos a aceitar. Argumentos de inovação tecnológica, cultural e moral nos encorajam a consentir rupturas que descrevem a descontinuidade entre gerações como um fenômeno da aceleração do tempo, sem contudo podermos negar a crise da autoridade do passado sobre o presente como uma ironia do tempo em que estamos vivendo.

Instituições acadêmicas com frequência encaram o presente ou, dizendo melhor, a cultura contemporânea, como algo imprevisível, incompreensível, porém, irresistível. O conjunto de idéias e perspectivas que caracterizam a cultura contemporânea (pós-modernidade, pós-estruturalismo, estudos culturais, estudos feministas, epistemologias de ponto de vista, teoria *queer*, etc.) parece constituir uma ameaça a práticas, conceitos e, sobretudo valores do passado. É como se novas perspectivas, abordagens, campos de investigação e saberes emergentes ainda não regulados pelo ofício e pelo método, insurgissem na cena contemporânea intimidando o tempo que a precedeu.

Hoje, a realidade é inseparável das imagens e da ficção porque vivemos em um mundo interpretado, um mundo que muda e se transforma exigindo a realização de múltiplas re-descrições e interpretações. Essa re-configuração ideológica, conceitual, política e imagética do passado e do presente coincide com uma renovação temática e metodológica que a cultura visual se propõe a realizar na atualidade. São transformações produzidas de maneira crescente, iniciativas que incorporam deslocamentos de noções rígidas sobre espaço, local e temporalidades para modos flexíveis de analisar arte e imagem. Esses modos contemplam múltiplas maneiras de ver, bem como novas abor-

dagens epistemológicas de interpretar. Em decorrência dessas mudanças e transformações, o foco das investigações se desloca daquilo que enaltece ou julgamos necessário às pessoas, para as coisas, situações e experiências que os indivíduos estão vivendo. Esses novos modos de olhar buscam dar sentido ao fragmento, ao emergente, ao mutável, ajudando-nos a compreender o mundo em que vivemos e suas relações com visualidade e poder.

Assim, a cultura visual se constitui como reflexão e crítica de uma “condição” contemporânea que é incerta, instável e contraditória, porque nós, seres humanos, vivemos e convivemos em um mundo interpretado, um universo simbólico em que as coisas que fazemos e dizemos se inscrevem num discurso temporal e provisório. A cultura visual questiona e discute a necessidade de rever e ambientar o conceito de valor num mundo onde experiências do cotidiano sugerem novos modos de perceber, sentir e pensar. Essas novas formas de perceber, sentir e pensar subvertem conceitos e trazem implicações epistemológicas e políticas para as práticas visuais e para o modo como elas são tratadas nas instituições acadêmicas.

Neste número especial da Revista Visualidades apresentamos um conjunto de artigos que rastreiam e articulam a cultura visual como campo de estudo que se propõe nas bordas de posições teóricas e práticas metodológicas e experienciais que nos ajudam a interpretar as visualidades do presente e do passado no contexto de um mapa de relações que inclui a realidade dos sujeitos, a realidade social e outros tipos de realidade. Esse mapa de relações – informação, história, conhecimento e visualidade – se constrói a partir de diferentes disciplinas que interagem a partir dos questionamentos pós-estruturalistas.

Esses questionamentos aprofundam discussões sobre a noção de cultura, de sujeito e de visualidade, respectivamente sob a perspectiva dos Estudos Culturais e dos Estudos Feministas buscando estabelecer um olhar diferente sobre o fenômeno social denominado arte, contextualizando-o e expandindo seus significados. A ênfase da cultura visual é na “compreensão crítica” da visualidade, ou seja, na retomada de relatos e narrativas existentes onde o ‘sujeito’ – não apenas como receptor, mas

também como intérprete – passa a ter espaço para construir novos relatos e colocar seu próprio olhar através de narrativas que não são apenas verbais, mas, também, visuais ou intermediárias. A compreensão crítica nos ajuda a aprender a questionar as representações consideradas canônicas ou, dizendo de outra maneira, aquelas que fazem parte de um repertório oficial e são preservadas por um modo de interpretação reconhecido e legitimado institucionalmente.

No artigo inicial deste dossiê, Fernando Hernández situa a conjuntura intelectual, as contingências e motivações que possibilitaram a emergência dos estudos da cultura visual. Descreve os antecedentes e o contexto no qual influências e posicionamentos sinalizaram possibilidades e perspectivas para um programa de estudo e pesquisa que sugere a necessidade de renovar e dar à história da arte uma dimensão cultural que transforma o ver em visualidade. Ao percorrer as diferentes e intrincadas trilhas que abrem caminho para a cultura visual, Hernández nos permite visualizar momentos e aspectos desse percurso e sua gênese. Através de revisão cuidadosa, nos conduz por teorias, autores e conceitos delineando a importância das viradas ‘linguística’, ‘cultural’ e ‘interpretativa’, assinalando suas influências e contribuições.

A travessia da história da arte para a cultura visual é lenta e gradual. Se desenrola por caminhos sinuosos, íngremes e por vezes escorregadios, marcados por dissensões e divergências teóricas, conflitos institucionais e profissionais, novas publicações, discussões editoriais, ensaios fotográficos e críticas... muitas críticas. Nessa travessia Hernández alinhava pacientemente aspectos da história cultural da arte com a referência dos estudos culturais, tece relações entre estudos culturais, cultura visual e pós-estruturalismo destacando problemas, ruídos e resistências dos discursos hegemônicos em torno das representações visuais. Entrelaça princípios e conceitos que fundamentam a cultura visual como campo de estudo arrematando com um toque claro a importância do significado em relação à noção de cultura. Conclui o artigo traçando vínculos entre pós-estruturalismo e cultura visual e relacionando algumas considerações metodológicas.

No artigo seguinte, rastreio, de forma sintética, influências históricas que marcaram a ascensão e o estabelecimento do sistema das belas artes na modernidade – arte x artesanato, história da arte x história do design, arte erudita x arte popular – mapeando as origens do discurso formalista, re-visitando as tentativas e esforços para aproximar a arte do cotidiano e pon-do em evidência o etos das instituições acadêmicas na contemporaneidade – disputas silenciosas, estratégias e resistências à cultura visual. Ao discutir as relações sincréticas entre arte e imagem, caracterizo a cultura visual, seus projetos e propósitos como campo de conhecimento emergente que busca compreender o papel da arte/imagem na vida da cultura. Ao delinear o papel que arte e imagem desempenham na cultura e nas instituições educacionais, distingo a concepção inclusiva da cultura visual ressaltando a importância da interpretação crítica e a forma como ela se insere na educação da cultura visual.

Ao traçar o percurso das contribuições de Griselda Pollock e Mieke Bal para a construção de uma história e teoria crítica da arte, Laura Trafí expõe a necessidade e discute a importância de interpretações contemporâneas das obras de arte como uma maneira de manter uma constante re-significação do campo visual através de práticas dialógicas entre leitura e escrita, visão e revisão. Criando trânsitos entre textos, conceitualizações e interpretações das historiadoras ou, melhor, das críticas culturais, Trafí articula sua discussão a partir do “lugar da espectadora” desestabilizando modos de “ver” e de “ler” institucionalizados pela história da arte.

Ao mesmo tempo e a partir de temporalidades contemporâneas, a autora se permite introduzir um olhar crítico, uma interpretação performativa que dialoga com corporeidades, interação com experiências subjetivas e amplia as perspectivas de análise em relação aos artefatos e sujeitos da cultura visual. Assim, Trafí reconstitui vínculos entre arte, história, subjetividade, interpretação e desejo promovendo deslocamentos conceituais e, deliberadamente, expondo as incoerências e limitações de um discurso institucional sobre arte embasado num historicismo acrítico e linear.

Uma visão panorâmica das relações históricas entre arte/

educação e a educação da cultura visual nos aproxima das idéias e posicionamentos políticos e epistemológicos de Belidson Dias. Após esclarecimentos detalhados sobre o uso de 'certas' nomenclaturas, ele conceitua a cultura visual como um campo emergente, transdisciplinar e transmetodológico que estuda a construção social da experiência visual. Ao explicitar a importância das experiências diárias do visual e chamar atenção para o deslocamento das "Belas Artes, ou cultura de elite, para a visualização do cotidiano", Dias revela e define o etos da cultura visual.

Através de reflexão minuciosa, o autor visita fundamentos, princípios e problemas da cultura visual fazendo uma análise de idéias, autores e atores que contribuíram para instituir a educação da cultura visual. Fundamentado numa revisão histórica, Dias examina questões formais e práticas curriculares, mapeia características e visualiza possibilidades, mas sobretudo, expõe e discute, de maneira crítica, encontros e desencontros entre 'arte/educação' e 'educação da cultura visual'.

Dias explicita questões de sexualidade e gênero como construções sociais e, portanto, cambiáveis. Sob a perspectiva da teoria *queer*, expõe de maneira arguta preceitos de 'moralidade' – em geral orientados por discursos médicos e religiosos – que, de forma anacrônica, são usados no sistema educacional formal como crivo para definir o que é aceitável em termos de arte e arte/educação. Constata que, de forma sutil e silenciosa tais conceitos e preconceitos alijam das práticas curriculares não apenas representações visuais do cotidiano, mas principalmente, a possibilidade construtiva de debates e discussões sobre sexo, gênero, identidade de gênero e sexual. Em seu artigo, acoitamentos são estratégias, modos ambíguos de manifestar, mas ao mesmo tempo de proteger esses temas e discussões das sanções e censuras institucionais. Dias conclui provocando e instigando os arte/educadores a refletir sobre essas questões e estimulando-os a construir experiências curriculares na cultura visual, mas, sobretudo, a buscar e desenvolver uma compreensão crítica da arte e da arte/educação.

Paul Duncum descreve de modo muito didático um estudo de caso da sua prática pedagógica com estagiários, estudantes

do segundo ano de licenciatura. Embora capazes e bastante motivados, os estudantes chegam impregnados por visões modernistas, suas concepções formais e essencialistas. Para Duncum, a primeira tarefa é puxá-los pelo avesso, colocá-los em contato com idéias contemporâneas, sugerir alternativas para aproximá-los do pós-modernismo.

Através da leitura de artigos sobre pós-modernismo concomitante com debates e leituras sobre filmes/imagens - Disney, reality shows, publicidade, campanhas políticas e violência - Duncum mostra aos estudantes uma ampla gama de imagens que abrange arte erudita e arte popular. Numa atmosfera de liberdade ele expõe claramente seus pontos de vista, mas ouve e respeita o ponto de vista dos alunos. Vídeos e filmes educacionais sobre estereótipos de raça, gênero e sobre problemas de comercialização que focam o controle da mídia sobre os indivíduos, também são apresentados gerando discussões acaloradas e reflexões individuais e coletivas. Reações hostis, posições de intransigência e resistência são manifestadas pelos estudantes de maneira diversificada, conforme podemos acompanhar pelos comentários do autor. Utilizando uma metodologia visual, Duncum cria condições para que os alunos possam refletir sobre as relações de poder que se estabelecem e são articuladas por meio das imagens estimulando uma compreensão crítica das práticas de visualidade.

Os textos dos autores convidados para este dossiê refletem uma visão plural, revelam diversidade de experiências e abrem possibilidades para abordar temas a partir da perspectiva da cultura visual. Explicitam a importância das representações visuais como artefatos instigadores de diálogo e de construção de sentido criando relações subjetivas e vínculos afetivos com idéias, objetos e valores da cultura contemporânea. Além de destacarem o interesse dos indivíduos pelas tecnologias visuais e o modo como as transformações culturais têm alterado as práticas sociais do ver e do pensar no mundo atual, os textos deste dossiê nos advertem sobre a necessidade de questionar e expandir conceitos e limites das artes visuais gerando condições favoráveis a uma prática transdisciplinar que reconheça a relevância da interpretação e da compreensão crítica.